



## A PRUDÊNCIA

"Cada criatura é um rascunho a ser retocado sem cessar, até a hora da libertação pelo arcano, além do Lethes, o rio sem memória".

Guimarães Rosa

*“Métis, a Prudência, era filha de Oceano e Tétis. Era a reflexão personificada, a sabedoria. Foi a primeira esposa de Júpiter. Ela deu a Cronos a beberagem que o obrigou a vomitar os jovens deuses que havia engolido. Mais tarde, grávida, foi engolida pelo esposo, pois Gaia havia previsto que o próximo filho de Métis destronaria o pai. Diz a lenda que toda a sabedoria de Júpiter vem dela, que permaneceu em seu seio, aconselhando-o.”*

## A VIRTUDE

Virtude é o hábito do bem, isto é, disposição estável para agir bem. Opõe-se ao vício, que é o hábito do mal. É a virtude que faz conhecer e praticar, oportunamente, o que é bom.

Virtudes morais são diretamente ligadas aos costumes - ligam-se a Deus, de modo indireto. Dentre essas virtudes, destacam-se a Prudência, Justiça, Força e Temperança. Todas as outras virtudes morais derivam destas quatro. Sem a prática destas virtudes ninguém pode entrar na vida de perfeição.

- **AS VIRTUDES NATURAIS** são adquiridas pelo exercício e aperfeiçoamento de dons naturais. Desenvolvem-se pelo esforço da vontade, agindo sobre a aptidão específica. Por exemplo, a virtude de um bom pintor.

- **AS VIRTUDES SOBRENATURAIS** são as que, pela graça santificante, recebemos de Deus, tendo por fim a eterna salvação. Não dependem do esforço da pessoa – “ao nos dar a graça, Deus as infunde em nossa alma. Devemos, porém, desenvolvê-las”.

- **AS VIRTUDES TEOLÓGICAS** são infusas (ou sobrenaturais). Vêm de Deus e nele têm seu objeto imediato. São a Fé, a Esperança e a Caridade. São recebidas através da graça.

## A PRUDÊNCIA

A Prudência sabe escolher meios, ajeitá-los ao fim que pretende. Aproveita a hora propícia, o lugar certo. Não dá passos errados. Nisso tudo, está a virtude moral natural. Tornar-se-á sobrenatural quando, ainda fazendo isso mesmo, estiver iluminada pelo brilho da fé, auxiliada pelo concurso da graça, e referir tudo à meta suprema da eterna salvação. No Batismo é recebida como virtude infusa - é fruto da graça recebida. Prudência não tem, pois, o sentido vulgar e mesquinho que, às vezes, lhe

emprestam. É a virtude do reto agir. É racional e honesta. Justamente, é considerada como a "rainha das virtudes morais".

A Prudência é a virtude que nos ajuda a escolher. Não se trata de escolher coisas fúteis, a Prudência nos ajuda a escolher os meios adequados para realizar o bem e vencer o mal. É uma escolha muito importante e que a qualquer momento precisamos fazer. Vou estudar ou vou descansar? Depende da hora. Se for hora de estudar, deve-se estudar, se for hora de descansar, deve-se descansar. É a Prudência que ajuda a compreender essas coisas. Ela aproveita a hora propícia, o lugar acertado onde devemos estar e nos impede de tomar decisões precipitadas. O lema dela é: fazer o que é certo, na hora certa, no lugar certo. A Prudência, iluminada pela nossa Fé e ajudada pela graça santificante, leva a escolher os atos bons que são o caminho da salvação.

É sobre esta Prudência que Jesus fala no Evangelho: “Eis que vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sêde, pois, prudentes como a serpente e simples como as pombas.” (Mt. 10,16) e também: “Quem julgas que é o servo fiel e prudente, a quem o seu senhor constituiu sobre a sua família, para lhe distribuir de comer a tempo?” (Mt. 24,45).

Se perguntarmos, então, objetivamente, o que se pode exigir e esperar em termos de "ser bom" do homem comum, ou seja, de cada um de nós, logo pede a palavra a antiga sabedoria que fala do espectro de quatro cores em que se desdobra a luz da perfeição. É a doutrina das "Virtudes Cardeais": Prudência, Justiça, Força (ou Fortaleza) e Temperança. Esses quatro nomes certamente já foram ouvidos muitas vezes, sem que seu significado fosse levado a sério. No momento, porém, em que isto se faça, a situação torna-se complicada. Por exemplo cabe já perguntar: como pode a Prudência ser virtude? E a compreensão tornar-se-á ainda mais difícil quando disserem que a seqüência não é casual, mas obedece a uma lógica de significado e de hierarquia: à Prudência, cabe, portanto, o primeiro e mais elevado posto. E mais ainda, tal formulação nem ao menos é precisa; a rigor, a Prudência não ocuparia um lugar como elo dessa série: ela não é algo assim como a irmã das outras virtudes; ela é a sua mãe e já foi designada literalmente como "genitora das virtudes" (*genitrix virtutum*).

Desse modo, ninguém poderia, por estranho que possa parecer, praticar a Justiça, a Fortaleza ou a Temperança a não ser que seja ao mesmo tempo prudente. Ao mesmo tempo, e até antes.

Pelo uso comum da linguagem e pelos hábitos de pensamento, temos alguma dificuldade não só para concordar com o afirmado, mas até para entendê-lo. Não dizemos que é "prudente" quem é esperto e com ágil inteligência, que logo percebe como "levar vantagem"? E não dizemos que uma pessoa é "prudente" demais e, portanto, não defende com determinação e coragem suas convicções? Tudo isto, sem dúvida, é certo. No entanto, devemos esquecer estes casos, deixá-los de lado e lembrar-nos de outras situações que nos são igualmente familiares, por exemplo, de que em caso de conflito, ninguém pode tomar uma decisão justa se não conhece a realidade: como as coisas são e em que pé estão. O mais puro desejo de Justiça, a "melhor das boas vontades", a "boa intenção", tudo isto não basta. Antes, a realização do bem concreto pressupõe sempre o conhecimento da realidade.

Isso se pode exprimir também do seguinte modo: o agir humano é bom e ordenado quando procede da verdade, que afinal de contas nada mais é que o vir-a-encarar a realidade. E precisamente este é o sentido da Prudência e de sua posição privilegiada: que tanto quanto possível, seja vista a realidade como realmente ela é e quais são os elementos que compõem a situação que está exigindo uma decisão.

Esta forma de "ver as coisas", entretanto, não é de modo algum um assunto acessório que se possa considerar com ligeireza. Além do mais, a capacidade de "ver a realidade" é ameaçada de diversas maneiras. Pois não se trata de uma neutra contemplação da natureza, mas da incorruptível "busca da verdade" a respeito de situações nas quais costumam estar fortemente envolvidos fatores de interesse pessoal. O que importa, portanto, é fazer calar nossos interesses e, também ouvir o outro, possivelmente um oponente. Quem não consegue isto, ou não está disposto a isto, jamais chegará a ver a realidade como ela realmente é.

Mas isso é apenas o começo e a primeira metade da Prudência. A outra, bem mais difícil, consiste em transformar aquilo que foi visto, a verdade das coisas, em diretriz do próprio querer e agir. Só então se perfaz a virtude da Prudência, que com razão foi definida como *"a arte de decidir-se corretamente"*. Só quem domina esta arte pode ser considerado um homem moralmente maduro e adulto. Para ele foi cunhada a palavra da Sagrada Escritura: "Se o teu olho é simples, então todo teu corpo estará na luz" (Mt 6,22).

A Prudência aparece, deste modo, enquanto razão prática e sabedoria concernente às coisas humanas. É a partir desta virtude que o homem pode aplicar o conhecimento da realidade à realização do bem, como "proa inteligente". Ela orienta o homem para o ser, para a perfeição do "fazer a verdade" através da ilimitada variedade que constitui o mundo. Todas as demais virtudes têm na Prudência a matriz, já que a realização do bem, em qualquer aspecto ou situação só se dá em conformidade com a realidade e verdade das coisas, precisamente discernida pela Prudência. Não adianta, por exemplo oferecer um casaco bem felpudo a quem tem fome em um dia de verão, mesmo que as intenções do doador sejam as melhores possíveis, sua ação não condiz com a realidade das coisas e, portanto, não atinge o objetivo proposto de fazer o bem. Assim, embora o sujeito tenha tido a vontade de fazer o bem, não foi orientado em sua ação pelo conhecimento da realidade.

Neste sentido, é por meio da Prudência que o homem atinge a liberdade mais verdadeira que é ser capaz de agir como realmente quer, ou seja, uma ação que concretize suas aspirações naturais para o bem. A conquista desta liberdade é exatamente o que cabe ao homem na busca e realização de si próprio. Para tanto, ele conta com sua capacidade natural de abertura para a o mundo, que se dá por meio tanto da vontade (apetite espiritual) quanto da inteligência (conhecimento espiritual). É por meio destas duas vias que a ação prudente pode tomar forma, sendo ela constituída por duas etapas complementares.

A primeira delas é de caráter cognoscitivo e diz respeito ao exame da realidade por meio da razão que aconselha e julga o que é de acordo com o real, ou seja, com o bem humano. A segunda delas, mais importante até, já que se trata da razão prática, ligada ao agir, tem caráter diretivo e é aquela pela qual o sujeito age conforme aquilo que aconselha e julga como bom oferecendo, por exemplo, comida e não qualquer outra coisa a quem tem fome.

Estes dois requisitos indispensáveis à Prudência fazem com que ela seja acessível apenas aos homens, graças às faculdades espirituais de sua alma, que lhe proporcionam abertura para a realidade, como também por meio dos sentidos externos, próprio de todos os seres vivos, e dos sentidos internos. As capacidades proporcionadas por tais sentidos atuam de modo a constituir a Prudência, como partes que lhe integram. Encontram-se, na Prudência, estes elementos:

**Memória:** a Prudência é desenvolvida pela experiência e pelo tempo. A experiência resulta da memória dos casos repetidos. Considera-se, assim, que os velhos estejam "mais aparelhados" do que os jovens para agir prudentemente, embora a Prudência não lhes seja exclusiva;

**Intelecto:** todo o processo da razão procede do intelecto e a Prudência é, justamente, a aplicação da razão reta aos atos;

**Docilidade:** como os casos particulares são infinitamente diversos e não podem ser considerados por um único homem, é necessário que o homem esteja pronto para receber o ensino da realidade e de outros. Precisa estar aberto a aprender e apreender a realidade com suas próprias experiências;

**Astúcia (Solércia):** para a reta apreciação do que deve fazer, o indivíduo precisa estar pronto a descobrir o que convém a cada situação.

**Razão:** uma das partes do agir prudente, o conselho (inquirição, o passar de uma coisa para outra, aconselhar-se consigo mesmo), que é necessário ao raciocínio acertado, é função da razão. É pelo conselho que a Prudência é aperfeiçoada, já que seu objeto são os meios a serem postos em prática em vista do bem humano. O conselho e a Prudência são, então, correlatos.

**Providência (ver de longe):** determina com antecedência, prevendo se determinado ato será ou não verdadeiro caminho para a realização do bem. É a principal parte da Prudência.

**Reflexão ou Circunspecção:** ao contrário do significado de "introspecção carrancuda" que a este termo atualmente atribuímos na linguagem comum, trata-se aqui do exame e da comparação dos meios, levando em consideração as circunstâncias que se apresentam na realidade. Para o agir prudente, tanto os meios quanto os fins devem ser bons, o que é contingente devido à infinidade de circunstâncias possíveis. O homem prudente pensa antes de agir, e o espiritualizado, além disso, ora e calcula os prós e contras, considera os ensinamentos da experiência própria e alheia.

**Cautela:** versa sobre os atos contingentes no sentido de que o mal seja evitado, mesmo estando mesclado com o bem, devido a multiformidade dos atos.

**Determinação e Realização:** O homem prudente, depois de pensar, toma uma decisão. Depois de examinar bem um assunto e decidir-se sobre ele, deve transformá-lo em ação, porque só se torna um ato de Prudência quando realizado. Aqui, entra o auxílio da Virtude da Força.

Para a realização da ação prudente, o homem conta, também, com algumas virtudes que, como partes potenciais, são anexas à Prudência. São elas:

**Método (Eubulia):** indagação racional sobre as ações que se deve praticar, o que proporciona a retidão em deliberar. Tal virtude, diferentemente da Prudência, não é preceptiva, a ela cabe apenas ordenar para a Prudência.

**Inteligência (Sínese):** virtude que faz o homem julgar acertadamente.

**Discernimento (Gnome):** perspicácia de juízo que se aplica ao julgamento de casos que fogem às regras comuns.

De acordo com o tipo e o domínio das ações que se realizam, a Prudência pode ser classificada em espécies distintas entre si, a cada uma das quais corresponde uma parte subjetiva da Prudência:

**A arte de legislar ou de reinar:** a Prudência é a virtude própria do governante, a quem convém uma Prudência de natureza especial e perfeitíssima, já que a sua administração, para ser perfeita, deve estar ligada à razão.

Entretanto, assim como a vontade e o intelecto humano constituem as causas e as condições para que o homem dê continuidade ao projeto divino, é exatamente a estas faculdades espirituais da alma humana que podem se impor os maiores empecilhos para sua realização.

Neste sentido, portanto, a Prudência pode ser impedida tanto por meio de vícios que incidam sobre suas partes referentes ao conhecimento (conselho e julgamento), quanto naquela que se refere ao desejar e agir. Tais vícios correspondem, então, a duas categorias distintas e dão origem a dois tipos de Imprudência, quais sejam, por irreflexão (ligadas ao conhecimento) e por indecisão (referentes ao desejar e agir). No exemplo do sujeito com fome, o outro pode deixar de lhe oferecer um prato de comida por não considerar a situação e, portanto, por "não se aperceber" com ela ou por achar que não é o caso, como também pela indecisão de pôr em prática o ato de socorrer o faminto recomendado por sua razão.

Podemos classificar as Imprudências, também, por outros dois critérios e temos então um tipo que se traduz em vícios manifestamente contrários à Prudência e outro tipo que, embora também se oponha à Prudência, guardam certa semelhança com ela. No primeiro dos casos, encontramos os vícios que se afastam das regras que tornam o agir de acordo com a razão reta. São vícios que têm como matriz principal a luxúria, ou seja, o fato de que a ponderação que caberia à tomada de decisão e à ação é corrompida pela sôfrega e descabida busca de prazer.

Assim, o agir imprudente é devido a:

**Precipitação:** que corresponde à ação movida pelo ímpeto da vontade ou da paixão, o que tem como resultado a desordenação do conselho. Em casos como este o sujeito age sem se ater aos passos ou etapas necessárias à razão reta, quais sejam: memória das coisas passadas, inteligência das recentes, solércia no considerar os acontecimentos futuros, raciocínio e docilidade.

**Inconsideração:** falta de retidão do juízo. É, portanto, uma falha no ato de ajuizar o que já foi observado a partir da realidade. A este vício se opõem as seguintes partes integrantes da Prudência: circunspeção, cautela; e as potenciais: sínese e gnome.

No segundo caso, encontra-se a astúcia, "máscara da Prudência", usada para fins repreensíveis e a "*Prudência do século*" que, absorvida por interesses materiais, esquece os objetivos espirituais. Liga-se a um demasiado zelo pelo futuro temporal e conseqüente descuido pela vida eterna. Em nossos dias, sob diversos aspectos, é a deturpação da Prudência que mais encontramos apesar do aviso de Cristo: "Procurai, primeiro, o reino de Deus e sua justiça, que tudo o mais vos será dado de acréscimo" (Mt 6, 25-33).

**Inconstância:** abandono de um bem maior a que antes se propunha em vista de paixões que desordenam a vontade. Falha-se, portanto, no ato de ordenar o que fora aconselhado e julgado pela razão.

**Negligência:** que constitui um pecado especial oposto à Prudência devido à falta de solicitude do sujeito que empreende a ação. Trata-se de uma falta de eleição reta dos meios que conduzem ao fim, o que é peça fundamental e decisiva do agir prudente.

O segundo tipo de Imprudência diz respeito aos vícios que, embora sejam opostos à Prudência, guardam semelhança com ela por implicarem um certo uso da razão. Estes tipos de vícios nascem da avareza, ou seja, da desmedida aspiração por toda espécie de posse. O primeiro deles é chamado de "*Prudência da carne*" e se traduz na aplicação de esforços com vistas a um fim que não está ligado ao bem humano, ao contrário, é o bem da carne que é eleito como fim último da vida.

Chamaríamos, então, de imprudentes as ações pautadas exclusivamente por objetivos relacionados ao sucesso profissional, amoroso, financeiro, etc. e desvinculadas do bem do homem e da alma.

Outro vício que guarda certa semelhança com a Prudência é a astúcia, que corresponde ao uso de meios não verdadeiros com vistas a atingir um determinado fim. A astúcia é, então, aplicada ao enganar e compreende, em sua execução, ao dolo, ou seja, a induzir outros ao erro por meio de atos ou palavras, é a fraude, que se aplica à execução da astúcia por meio de atos. Ainda no que se refere a este tipo de vícios que apresentam certa semelhança com a Prudência, temos uma outra espécie ainda mais sutil que é a solícitude por coisas temporais e não por bens espirituais. De três formas este vício pode se apresentar: se tomarmos as coisas temporais como o fim último de nossas ações, se nossos esforços forem demasiado exagerados, o que pode nos afastar dos bens espirituais, ou se tivermos temor exagerado em não alcançar nossos objetivos.

A Imprudência parece, assim, caracterizar a vida do homem moderno tão cheio de cobranças para que realize coisas (ganhe dinheiro, pague as contas em dia, case, compre coisas, estude, seja saudável, seja politicamente correto, etc., etc.). E mais, a solícitude também pode se converter em vício se for aplicada ao futuro, assim, não são prudentes as preocupações, o que torna ainda mais difícil a verificação de uma postura prudente em nossos dias. Entre nós, ao contrário, tem-se que prudente é aquele que tem uma gorda poupança no banco para lhe garantir a velhice.

Estas breves análises a propósito dos conceitos de Prudência e de Imprudência, tais como propostos por Santo Tomás de Aquino, ressaltam a acentuada relação que as mesmas guardam com o mundo "concreto". Assim, a Prudência do agir tem como fator condicionante a própria realidade e mesmo uma ação aparentemente prudente pode, em certas circunstâncias, se traduzir em Imprudência. A Prudência se constrói, neste sentido, através de cada ato humano, não residindo em um mundo das abstrações ideais. Como vimos, uma situação na qual exista um indivíduo com fome e outro que pode lhe dar o que comer não pode ser considerada da mesma forma nos diferentes e infinitos contextos possíveis.

Esta vinculação com a realidade caracteriza fortemente as idéias de Santo Tomás de Aquino, a respeito do homem. A educação volta-se, nesta perspectiva, para a realização humana, para o *ser* do homem. Seu objetivo central é de levá-lo a alcançar a *ultimum potentiae*, a sua Virtude. Trata-se da educação para a liberdade, para o conseguir fazer o que realmente se quer, o que está em consonância com o que o homem é. Entretanto, esta liberdade não é dada e sim conseguida através do próprio exercício das virtudes, que se traduzem em bons hábitos. É exatamente o educar para as virtudes, que corresponde a uma educação para a liberdade. É uma educação invisível, que ocorre não através de disciplinas específicas mas sim em meio ao próprio processo de vida, tendo como alicerce a formação para a Prudência, já que ela é a matriz de todas as demais virtudes.

A educação se apresenta, neste sentido, enquanto cúmplice do homem em seu processo de auto-realização, na medida em que se volta para o resgate daquilo que foi por ele esquecido. Cabe a ela, portanto, chamar a atenção do homem para tudo o que contenha indícios que apontem para o fim a que ele deve chegar e também para os meios necessários. Tudo isto, fim e meios, está presente na própria cultura do homem, guardião do que foi esquecido. As instituições, as tradições, os costumes, as festas, os cultos, os rituais, as formas de linguagem, etc, são traduções do que o homem é. Assim é porque as poesias, os ditados, os provérbios, as fábulas, as canções, os ritmos, são frutos de *insights* (momentos de lembrança) que trazem ao homem o que ele é ou está chamado a ser.

**“Se, pois, o homem se tornar prudente, possuirá todas as demais virtudes simultaneamente; se não se tornar prudente, porém, poderá possuir alguma inclinação especial à paciência ou à**

temperança, mas estas não serão verdadeiras virtudes, por causa do defeito da eleição reta proveniente da Prudência, que será corrompida pela falta das demais virtudes morais.”

Santo Tomás de Aquino

**BIBLIOGRAFIA:**

- 1.- A educação segundo a filosofia perene [www.accio.com.br/Nazare/1946](http://www.accio.com.br/Nazare/1946)
- 2.- As virtudes cardeais [www.capela.org.br](http://www.capela.org.br)
- 3.- Virtudes [www.globalsite.com.br/benedito/virtudes](http://www.globalsite.com.br/benedito/virtudes)
- 4.- Virtudes e Dons do Espírito Santo [www.opoavida.hpg.ig.com.br](http://www.opoavida.hpg.ig.com.br)
- 5.- Prudência e Educação (Trabalho da Mestranda Flávia de Medeiros Sarti - da FEUSP sobre alguns dos conceitos clássicos em torno da virtude da Prudência, no pensamento de Santo Tomás de Aquino) [www.hottopos.com.mirandum/prudemor](http://www.hottopos.com.mirandum/prudemor)

**FIM**